

AÇÃO PARABÓLICA DA CEIA DO SENHOR (Mc 14.22-26)

Claiton André Kunz¹

RESUMO

Jesus utilizou diferentes métodos de ensino durante o seu ministério. Um destes foi o método das ações parabólicas, nos mesmos moldes das ações simbólicas dos profetas do Antigo Testamento. A presente pesquisa analisa a Ceia do Senhor de acordo com o relato do evangelista Marcos, dentro da perspectiva de uma ação parabólica, procurando encontrar respostas à questão do significado da mesma.

Palavras-chaves: Parábola. Ação parabólica. Jesus. Ceia do Senhor.

ABSTRACT

Jesus used different teaching methods during his ministry. One of these was the method of parabolic actions, in like manner the symbolic actions of the prophets of the Old Testament. This research examines the Lord's Supper, according to the account of the Evangelist Mark, from the perspective of a parabolic action and seek answers to the question of his meaning.

Keywords: Parable. Parabolic Action. Jesus. Lord's Supper.

¹ O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, com revalidação pela Faculdade Teológica Batista do Paraná e Bacharel em Filosofia pela Unijuí. É mestre e doutorando em Teologia pela EST (São Leopoldo). É professor e coordenador acadêmico da FBP e professor convidado do curso de Mestrado Profissionalizante da FTBP. E-mail: claiton@batistapioneira.edu.br

No decorrer do ministério de Jesus vemos várias vezes relatos sobre momentos em que ele esteve junto com os seus discípulos ou mesmo com seus seguidores participando de alguma refeição. Diversos autores referem-se a este costume como a “comensalidade” de Jesus. Parece que esta prática era uma característica do seu ministério. Podemos afirmar que a última ceia e a instituição da “ceia do Senhor” não está desligada das outras ceias, antes, sintetiza-as nesta última. Não é um momento isolado, mas uma meta para onde Jesus caminhou, conforme o relato paralelo de Lucas: “Desejei ardentemente comer esta páscoa convosco” (Lc 22.15).²

I. TEXTO DA CEIA DO SENHOR

I.1 Visão geral do texto

A Ceia do Senhor é uma celebração realizada em praticamente todas as igrejas cristãs, muito embora haja várias interpretações sobre o significado da mesma. De acordo com o relato de Paulo, a ceia deveria inclusive tornar-se uma *refeição memorial*, ou seja, um rito para a igreja (1Co 11.23-34). Desta forma, até os dias de hoje as igrejas celebram, com maior ou menor frequência, a ceia como instituída pelo Senhor Jesus.

A instituição da ceia aconteceu no contexto da páscoa judaica (como veremos mais adiante). Entretanto, mesmo que Jesus tenha usado esta circunstância com todo o seu significado, Ele foi além de qualquer simbolismo geralmente atribuído à páscoa. Paulo chega ao ponto de afirmar que Cristo tornou-se o próprio “cordeiro pascal” (1Co 5.7), com todas as implicações concernentes, especialmente no que diz respeito à expiação.

Marcos, como de costume, tem um dos relatos mais abreviados entre os evangelhos sinópticos. Entrelaçado com outros episódios, como a preparação da ceia (14.12-16), a indicação do traidor (14.17-21) e o aviso a Pedro de que este o negará (14.27-31), Marcos narra o momento específico da instituição da Ceia do Senhor.

Este episódio pode ser visto como um dos pontos altos da teologia em qualquer

² PÉRTILE, Nédio. A última ceia de Jesus: apontamentos de ordem antropológica. *Cadernos da ESTEF*, Vol./n. 20, 1998, p. 70. Nesta mesma perspectiva, Iersel apresenta um interessante paralelo que pode ser visto entre o relato da ceia (14.22) e os relatos da primeira (6.41) e segunda (8.6) multiplicação de pães. Parece que Marcos apresenta propositalmente esta relação entre a ceia e a comensalidade de Jesus. O paralelo entre os termos utilizados deixa isto evidente:

- Mc 14.22: καὶ... λαβὼν... εὐλογήσας ἔκλασεν καὶ ἔδωκεν αὐτοῖς

- Mc 6.41: καὶ λαβὼν... εὐλογήσεν καὶ κατέκλασεν... καὶ ἔδιδου τοῖς μαθηταῖς... αὐτοῖς

- Mc 8.6: καὶ λαβὼν... εὐχαριστήσας ἔκλασεν καὶ ἔδιδου τοῖς μαθηταῖς... τῷ ὄχλῳ

(IERSSEL, B. van. Die wunderbare speisung und das abendmahl in der synoptischen tradition. In: *Novum Testamentum: an international quarterly for New Testament and related studies*, Leiden, vol. 7, n. 3, 1964, p. 179).

dos evangelhos, e assim também o é no evangelho de Marcos. Para Mulholland, “aqui Jesus interpretará o significado último da sua morte. Além disso, ele olha além da morte, confiante na consumação do reino de Deus, apesar da traição e da deserção dos discípulos (c. 18-21; 27-31)”.³

1.2 Delimitação do texto

A instituição da Ceia do Senhor pode ser delimitada dos versos 22 a 26 do capítulo 14 de Marcos. Esta delimitação pode ser percebida a partir dos seguintes aspectos:

a. **Tempo:** no verso 22 há uma indicação de tempo, mesmo que não seja muito específica. Marcos relata: “enquanto comiam...”. Isso significa que neste ponto ele pretende relatar algo especial, mesmo que o contexto continue sendo o mesmo da perícopie anterior.

b. **Personagens:** os personagens continuam os mesmos da perícopie anterior, mas muda-se o foco do relato - daquele que estava por trair Jesus (v. 17-21) para o grupo como um todo.

c. **Argumento:** Marcos introduz um novo argumento, mudando o assunto da traição para a instituição da ceia. A expressão “enquanto comiam” é indicativa de um novo argumento.⁴

Por outro lado, podemos afirmar que a perícopie encerra com o verso 26 a partir das seguintes observações:

a. **Tempo:** o verso 26 afirma que “depois de terem cantado um hino, saíram...”, indicando que a perícopie está terminando.

b. **Ação do tipo partida:** o mesmo versículo também pode ser visto como uma finalização da perícopie porque indica que todos saíram daquele lugar encerrando aquela ocasião.

c. **Ação terminal:** a informação de que Jesus e os discípulos “cantaram um hino” ao final da ceia implica uma espécie de ação terminal.

d. **Personagens:** enquanto no verso 26 estão todos envolvidos no episódio, o verso 27 começa a restringir o relato a Jesus e a Pedro. Esta redução de atores ou mudança de foco mostra que nesta transição dos dois versos há uma mudança de perícopie.

Outros dois aspectos ainda podem ser observados no decorrer da perícopie:

a. **Campo semântico:** as delimitações da perícopie podem ser percebidas também

³ MULHOLLAND, Dewey M. *Marcos: introdução e comentário*. Tradução de Maria Judith Prado Menga. São Paulo: Vida Nova, [199-]. p. 210-211.

⁴ SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de exegese bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 71.

pelo grupo de palavras que estão relacionadas com o tema da ceia:⁵ “comer”, “pão”, “partir”, “cálice”, “beber”, “fruto da videira”, “vinho”, etc.

b. **Quiasmo**: podemos visualizar a seguinte estrutura nestes 5 versículos do texto:

A – Enquanto comiam... (v. 22a)

B – Jesus ofereceu o pão e o cálice e todos participaram (v. 22b-23)

C – Uma nova aliança foi estabelecida (v. 24)

B' – Jesus prometeu um vinho novo do qual todos participarão (v. 25)

A' – Cantaram um hino e saíram... (v. 26)

Todas estas observações indicam que a perícope imediata pode ser estabelecida dos versos 22 a 26. Mesmo assim, não podemos esquecer que ela se encontra dentro de uma moldura maior, com outros acontecimentos muito próximos: a preparação da ceia (v. 12-16), a indicação do traidor (v. 17-21) e o aviso de que Pedro negaria a Jesus (v. 27-31).

1.3 Crítica textual

O texto sobre a Ceia do Senhor (14.22-26) apresenta variantes em dois versículos. Segundo o *The greek New Testament*,⁶ o verso 24 tem as seguintes variantes:

τῆς διαθήκης (see Mt 26.28) ✠ B C D² L Θ Ψ 565 2427 it^k
 cop^{samss, bopt} geo¹ //
 τὸ τῆς διαθήκης D* W it^d //
 τῆς καινῆς διαθήκης E 157 579 828 892 1006 it^{a, aur, c, f, l, q} vg
 syr^{s, p, h} cop^{samss, bopt} arm eth geo² //
 τὸ τῆς καινῆς διαθήκης A D f¹ f¹³ 28 180 205 597 700 1010
 1071 1241 1243 1292 1342 1424 1505 Byz [F H P Σ] Lect it^{b, i, r1} slav //
 omit it^{ff2}

Na primeira leitura, conforme se encontra no texto grego do Novo Testamento, aparece a expressão τῆς διαθήκης. A tradução, neste caso, é: “[o meu sangue] da aliança”. Esta leitura é atestada pelos manuscritos Sinaitico, Vaticano, Efraimita, Beza (segundo corretor), L, Θ e Ψ, pelos manuscritos minúsculos 565 e 2427, pela Antiga Latina, pela maioria dos manuscritos da versão Copta e pela Geórgica (primeira revisão).

A segunda leitura afirma τὸ τῆς διαθήκης e pode ser traduzida como: “[o meu sangue] o da aliança”. Esta leitura é atestada apenas pelo manuscrito Beza (original antes da correção), pelo manuscrito Washington e pela versão Antiga Latina (d).

⁵ SILVA, 2000, p. 74.

⁶ ALAND, K. et. al. (Ed.). *The greek New Testament*. 4. ed. Stuttgart: United Bible Societies, 1994. p. 178-179.

A terceira leitura apresenta a expressão τῆς καινῆς διαθήκης e introduz um adjetivo na expressão: “[sangue] da nova aliança”. Esta leitura é confirmada pelos manuscritos E, pelos minúsculos 157, 579, 828, 892 e 1006, por alguns manuscritos da Antiga Latina (a, aur, c, f, l, q), pela Vulgata, Siríaca (alguns manuscritos), Copta (alguns manuscritos), Armênia, Etiópica e Geórgica (segunda revisão).

A quarta leitura afirma τῆς καινῆς διαθήκης e pode ser traduzida por: “[o meu sangue] o da nova aliança”. Esta leitura aparece nos manuscritos Alexandrino, Beza, Família I e Família 13, nos manuscritos minúsculos 28, 180, 205, 597, 700, 1010, 1071, 1241, 1243, 1292, 1342, 1424 e 1505, parte dos manuscritos Bizantinos, na maioria dos Lecionários, em alguns manuscritos da Antiga Latina e na versão Eslava.

Há ainda uma quinta leitura, embora muito remota pela pouca atestação. Alguns manuscritos da Antiga Latina (ff2) omitem totalmente a expressão.

Os editores do *The greek New Testament* atribuem a letra {A} para a primeira leitura, que não apresenta o adjetivo “novo” para o termo aliança. A forte atestação que esta leitura apresenta leva a crer que tenha sido a forma original em Marcos. Mateus (26.28), embora também apresente variantes no texto paralelo, acompanha Marcos, enquanto Lucas (22.20) e Paulo (1Co 11.25) apresentam o adjetivo “novo” (sem apresentar variantes). É provável que os copistas tenham tentado harmonizar o texto com os paralelos e, por isso, em Mateus e Marcos aparecem as variantes.

Champlin concorda que é mais provável que καινῆς seja uma adição escribal, pois, se ela estava presente originalmente seria estranho que tivesse sido omitida pelos manuscritos como **Ν**, B, C, D², L, Θ, Ψ, entre outros.⁷ Mesmo assim, boa parte dos comentaristas bíblicos de Marcos acaba considerando em suas análises a expressão “nova aliança”, baseando-se nos paralelos mencionados do texto.

No versículo 25, são apresentadas as seguintes variantes:

οὐκέτι οὐ μὴ πίω A B Δ f¹ f¹³ 28 157 180 205 579 597 700 1006
1010 1071 1241 1243 1292 1424 1505 2427 Byz [E F H Σ] Lect it^{aur}.
b, ff2, i, l, q vg syr^s, p, h cop^{sa} geo slav //
οὐ μὴ πίω (sec Mt 26.29) **Ν** C L W Ψ 892 1342 | 211 | 387 | 950
it^{ck} cop^{bo} eth Jerome //
οὐ μὴ προσθῶ πειν Δ (565 οὐκέτι οὐ προσθῶ πειν)
it^{a, d, f} arm //
οὐκέτι οὐ μὴ προσθῶμεν πειν Θ

A primeira leitura variante do verso 25 apresenta a expressão οὐκέτι οὐ μὴ

⁷ CHAMPLIN, Russell Norman. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. 5. ed. São Paulo: Hagnos, 2001. Vol. 1, p. 781.

πίω e pode ser traduzida por: “*nunca jamais' beberci*”. Esta leitura é atestada pelos manuscritos Alexandrino, Vaticano, Δ, Família 1 e Família 13, vários manuscritos minúsculos, parte dos manuscritos Bizantinos, pela maioria dos Lecionários, alguns manuscritos da Antiga Latina, pela Vulgata, e por alguns manuscritos da Siríaca, Copta (Saídica), Geórgica e Eslava.

A segunda leitura afirma apenas οὐ μὴ πίω e pode ser traduzida como: “*de modo nenhum beberci*”. Esta leitura é confirmada pelos manuscritos Sinaítico, Efraimita, L, W e Ψ, alguns poucos minúsculos e Lecionários, alguns manuscritos da Antiga Latina, pela Copta (Boáirica), pela Etiópica e pelo testemunho de Jerônimo.

A terceira possibilidade afirma οὐ μὴ προσθῶ πειν, podendo ser traduzida por: “*de modo nenhum voltarei a beber*”. Apenas o manuscrito Beza, alguns manuscritos da Antiga Latina e a versão Armênia confirmam esta leitura.

Finalmente, apenas o manuscrito Θ afirma οὐκέτι οὐ μὴ προσθῶμεν πειν. Esta leitura seria traduzida por: “*nunca jamais voltaremos a beber*”, mas tem pouquíssima atestação.

Os editores do *The greek New Testament* atribuem a letra {C} à primeira leitura, demonstrando que sua originalidade está sujeita a um considerável grau de dúvida. Pelas atestações, a dúvida permanece entre as primeiras duas leituras, no que diz respeito à maior ou menor ênfase sobre o fato de Jesus não beber o vinho até a ceia escatológica. Nos textos paralelos, Mateus traz a versão reduzida οὐ μὴ πίω (sem variantes), enquanto Lucas traz variantes parecidas às de Marcos, embora as relacione ao verbo φάγω (comer) e não ao verbo πίω (beber). Mesmo que em Marcos haja fortes testemunhas para as duas primeiras leituras, ficaremos com a mesma opção dos editores do *The greek New Testament*.

1.4 Tradução do texto da Ceia do Senhor

O texto grego de Marcos 14.22-26, segundo o *The greek New Testament*, é:

Καὶ ἐσθιόντων αὐτῶν λαβὼν ἄρτον εὐλογήσας ἔκλασεν καὶ ἔδωκεν αὐτοῖς καὶ εἶπεν, Λάβετε, τοῦτό ἐστιν τὸ σῶμά μου. καὶ λαβὼν ποτήριον εὐχαριστήσας ἔδωκεν αὐτοῖς, καὶ ἔπιον ἐξ αὐτοῦ πάντες. καὶ εἶπεν αὐτοῖς, Τοῦτό ἐστιν τὸ αἷμά μου τῆς διαθήκης τὸ ἐκχυννόμενον ὑπὲρ πολλῶν. ἀμὴν λέγω ὑμῖν ὅτι οὐκέτι οὐ μὴ πίω ἐκ τοῦ γενήματος τῆς ἀμπέλου ἕως τῆς ἡμέρας ἐκείνης ὅταν αὐτὸ πίνω καινὸν ἐν τῇ βασιλείᾳ τοῦ θεοῦ. Καὶ ὑμνήσαντες ἐξῆλθον εἰς

τὸν ὄρος τῶν Ἐλαιῶν.⁸

Por questões de espaço, não será possível transcrever aqui toda a análise léxica das palavras do texto. Portanto, será dada apenas a tradução final:

E comendo eles, tomando um pão, tendo abençoado, partiu e deu para eles, e disse: tomai, isto é o meu corpo. E tomando um cálice, tendo dado graças, deu para eles, e beberam dele todos. E lhes disse: isto é o meu sangue da aliança que é derramado por muitos. Verdadeiramente vos digo que nunca jamais beberei do fruto da videira até aquele dia quando eu beberei o mesmo, novo, no reino de Deus. E tendo eles cantado um hino, saíram para o Monte das Oliveiras.

2. CONTEXTO DA CEIA DO SENHOR

2.1 Contexto histórico e literário

A instituição da Ceia do Senhor normalmente é interpretada como fazendo parte da ceia pascal que estava sendo celebrada naqueles dias. Os versos 12 a 16 relatam sobre os preparativos desta ceia. Kümell, entretanto, observa que na perícope específica da instituição da ceia (v. 22-26) não existe nenhuma referência a uma ceia pascal.⁹ Além desta lacuna, também alguns elementos indispensáveis à festa da páscoa - como o pão sem fermento, o cordeiro e as ervas amargas - não são mencionados.¹⁰ Seria o caso da última ceia de Jesus não ter nada a ver com a Páscoa, mas que ela tenha sido inserida neste contexto apenas posteriormente?

Evans afirma que é possível que os versos 22 a 26 constituam uma tradição independente dos versos 12 a 16. Neste caso, a Ceia do Senhor não teria relação com a ceia pascal.¹¹ Bultmann é da opinião de que esta perícope provavelmente não esteve incluída na narrativa original da Paixão por Marcos. Ele afirma que a transição das perícopes não é sem sobressaltos e que a ausência dos elementos “pão (ἄρτος)” e “cálice” na perícope de preparação (v. 12-16) mostra a incoerência entre as duas. Para ele a instituição é uma espécie de lenda de culto dos círculos helenísticos da época de Paulo.¹²

Entretanto, a sequência do relato pressupõe algumas coisas que não necessariamente precisariam ser repetidas. Pesh, por exemplo, afirma que o fato

⁸ ALAND, 1994, p. 118.

⁹ KÜMELL, W. G. *Síntese teológica do Novo Testamento de acordo com as testemunhas principais: Jesus, Paulo e João*. 4. ed. Tradução de Silvio Schneider e Werner Fuchs. São Paulo: Teológica, 2003. p. 125.

¹⁰ POHL, Adolf. *Evangelho de Marcos*. Tradução de Hans Udo Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998. p. 399.

¹¹ EVANS, Craig A. *Mark 8:27 – 16:20*. Nashville: Thomas Nelson, 2000. p. 385.

¹² BULTMANN, Rudolf. *The history of the synoptic tradition*. New York: Harper and Row, 1963. p. 265.

do cordeiro não ser citado na pericope não causa nenhum problema, visto já estar pressuposto no relato da preparação (v. 12-16).¹³

Pohl também concorda que deduzir que a ausência de alguns elementos seja conclusiva para destruir a unidade do texto é no mínimo precipitado. Para isso argumenta, por exemplo, que nos versos 22 a 26 também não aparece nenhuma menção sobre os “doze” ou sobre os “discípulos”, apenas “lhes, aos, vos”. A partir disso afirma: “mesmo assim ninguém conclui disto que os participantes fossem outros que os discípulos antes mencionados. Respeita-se o contexto”.¹⁴

Além disso, a ausência da menção do cordeiro pascal pode ser proposital para o interesse de Marcos. Para Bortolini, “essa omissão abre as portas para Jesus-Cordeiro, autor de um novo caminho de vida para todos”.¹⁵ Parece que o interesse de Marcos volta-se para outro “cordeiro”, para outra aliança, e Jesus pode não seguir rigidamente a ordem da festa. Segundo Pohl, “Jesus é o senhor também da Páscoa. Ele não estava sujeito à Páscoa, antes, a festa existia para ele. Por isso, não devemos entender errado a diminuição dos traços judaicos, como se Jesus, por exemplo, não tivesse comido o cordeiro de Páscoa. O relato é marcado pela novidade...”.¹⁶

Jeremias ainda alista uma série de argumentos a favor do fato da instituição da ceia ocorrer no contexto da ceia pascal. Ele afirma:¹⁷

a. A ceia começou “ao anoitecer” (v. 17) e se estendeu até a meia-noite (v. 30). Somente a Páscoa é uma refeição noturna.

b. Os convidados estavam reclinados ao redor da mesa (v. 18), o que era obrigatório na ceia pascal.

c. O pão foi partido (v. 22) somente depois de servida a refeição com molho (v. 20). A Páscoa era a única refeição judaica que não começava com o partir do pão.

d. O cálice (v. 23) lembra um dos quatro cálices da ceia pascal. A referência ao sangue (v. 24) pressupõe o vinho tinto, raramente mencionado mas exigido para a Páscoa.

e. O fato de haver uma explanação (v. 22,24) combina com a festa da Páscoa (cf. Êx 12.36s; 13.8).

f. O hino cantado ao final (v. 26) dá a ideia de ser algo conhecido, o que pode se

¹³ PESH, Rudolf. *Das abendmahl und Jesu todesverständnis*. Basel: Herder, 1978.

¹⁴ POHL, 1998, p. 399.

¹⁵ BORTOLINI, José. *O evangelho de Marcos: para uma catequese com adultos*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 250-251.

¹⁶ POHL, 1998, p. 400.

¹⁷ JEREMIAS, Joachim. *Die abendmahlsworte Jesu*. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1967. p. 35-82.

encaixar bem com o *Hallel* da Páscoa.

g. O fato de Jesus pernoitar nas imediações (Monte das Oliveiras - que fazia parte da área urbana), diferentemente do que fez com os discípulos em noites anteriores, corresponde à prescrição para a noite de Páscoa.

Jeremias ainda conclui: “podemos ver que o relato da Paixão não menciona um procedimento que não possa ter transcorrido no dia 15 de Nisã - a Páscoa”.¹⁸ Portanto, embora haja opiniões divergentes propondo outras alternativas, “tais teorias apresentam tantas dificuldades novas quantas alegam solucionar. ... as características e pormenores da refeição nas narrativas indicam que se tratava de uma refeição de Páscoa”.¹⁹

Sobre o contexto da instituição da ceia também podemos perguntar sobre a participação ou não de Judas naquele momento. Para France, a expressão específica de que “todos (πάντες)” tomaram do cálice (v. 23) precisa incluir Judas.²⁰ Hendriksen, entretanto, afirma que a referência a Judas é feita somente até o versículo 21, e que Judas não teria participado do momento específico da instituição da ceia. O texto paralelo de João 13.30 dá a ideia de que assim que Judas foi identificado como o traidor ele imediatamente saiu, não participando do restante da ceia. Com isso, a “unidade do corpo é enfatizada”.²¹

Ainda sobre o contexto, alguns autores identificam Marcos como sendo o servo que auxiliou na preparação da ceia. Assim, a menção sobre o jovem que carregava um cântaro de água (v. 13) pode ser uma forma de Marcos se inserir na história da vida de Jesus.²²

2.2 Contexto cultural

Para uma compreensão mais adequada da perícopa em estudo, precisamos examinar o contexto cultural sobre as refeições judaicas, especialmente sobre a ceia pascal. Alguns aspectos relevantes serão aqui considerados.

Quando olhamos para o Antigo Testamento, desde Gênesis já existe um destaque para a alimentação. A Palestina é descrita como a terra que “mana leite e mel” (Gn

¹⁸ JEREMIAS, 1967, p. 73.

¹⁹ WALLACE, R. S. Ceia do Senhor. In: ELWELL, Walter A. (Edit). *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1990. Vol. 1, p. 262.

²⁰ FRANCE, R. T. *The gospel of Mark: a commentary on the greek text*. Grand Rapids: Eerdmans, 2002. p. 569.

²¹ HENDRIKSEN, William. *New Testament commentary: the gospel of Mark*. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1976. p. 572,575.

²² ÁLVAREZ, Eliseo Pérez. *Marcos*. Minneapolis: Augsburg Fortress, 2007. p. 126.

13.5), ainda que o povo tivesse de trabalhar para obter os mesmos. Quando o povo já estava estabelecido na Palestina, possuía uma rotina com hábitos alimentares que revelam a necessidade do plantio do solo para o sustento de todos. Vários eram os produtos e temperos produzidos.²³ Como bem afirma Coleman, no primeiro século os judeus conseguiam seus alimentos de formas variadas, ou seja, pelo cultivo e criação, além de compras e negócios. O comércio, mesmo há 2000 anos, já era variado.²⁴

Dentre os alimentos mais produzidos que merecem destaque há o trigo, a cevada e o centeio, ou seja, os cereais. Além destes, as proteínas também eram parte da alimentação diária do povo (inclusive dos mais humildes) e estas existiam em abundância. Em geral, muitos alimentos eram cultivados na Palestina (cf. 1Sm 25.18). Nos livros proféticos (como, por exemplo, Is 3.1) vemos o destaque para o pão - alimento considerado como um dos principais sustentos do povo.²⁵

Textos tanto do Antigo como do Novo Testamento enfatizam muito as refeições e mostram que em geral os israelitas alimentavam-se muito com frutas e vegetais.²⁶ A Bíblia mostra que o povo tinha duas refeições regulares: o desjejum matinal e a ceia, que era mais reforçada, à tarde.²⁷

Os judeus tinham o costume de comer ao ar livre e fazer as refeições no pátio. Eles consideravam uma honra o fato de convidar ou serem convidados para uma refeição. Isso fica evidente nos evangelhos, especialmente quando o próprio Cristo fazia convites para refeições.

É interessante lembrar que as pessoas não se alimentavam em pé, pois havia a ideia de que comer ou beber em pé perturbava o corpo. O costume greco-romano era de comer num divã com almofadas, apoiando-se no cotovelo esquerdo e usando a outra mão para comer. Esta pode ter sido a forma em que Jesus fez muitas refeições. Também era costume que o dono da casa servisse os hóspedes, inclusive escolhendo as porções de cada um. Em algumas refeições mais simples os hóspedes, com a própria mão, retiravam a comida do prato, de forma ordenada.²⁸

²³ YOUNGBLOOD, Ronald F. (Edit.). *Dicionário ilustrado da Bíblia*. Tradução de Lucília Marques Pereira da Silva, Sônia Freire Lula Almeida, Bruno G. Destefani, Hander Heim, Marisa de Siqueira Lopes e Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2004. p. 46-47.

²⁴ COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Tradução de Myriam Talitha Lins. Venda Nova: Betânia, 1991. p. 41.

²⁵ YOUNGBLOOD, 2004, p. 46-47.

²⁶ DANIEL-ROPS, Henry. *A vida diária nos tempos de Jesus*. Tradução de Neyd Siqueira. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1997. p. 132.

²⁷ PACKER, James I.; TENNEY, Merrill C.; WHITE, William. *Vida cotidiana nos tempos bíblicos*. Tradução de Luiz Aparecido Caruso. Miami: Vida, 1984. p. 99.

²⁸ DANIEL-ROPS, 1997, p. 137-138.

Com relação às refeições, Daniel-Rops comenta que, tanto no Antigo Testamento como no Novo, “os atos mais comuns da vida, tais como beber e comer, eram considerados santificados por fazerem parte do plano divino, sendo na verdade quase divinos”. A própria comida, conforme a lei, era considerada santa.²⁹ Comer e beber eram atos realizados formalmente e até sagrados, além de poderem ser tanto públicos como particulares. Isso é verificado também nas religiões mais antigas. A ideia sagrada das refeições está atrelada inclusive a concepções de magia, onde o divino era materializado.³⁰

No Antigo Testamento, uma refeição era considerada uma marca e validava um pacto. Alguns exemplos podem ser vistos em textos como os de Gênesis 31.46,54 e Êxodo 18.12, entre outros. A comunhão junto à mesa também era sinal de perdão, proteção e paz. Quando falamos, por exemplo, em Páscoa, estar na comunhão à mesa equivalia a estar participando da “bênção de Javé”. Esta bênção era simbolizada pela oração que o chefe do lar fazia. Ele abençoava o pão que era distribuído para todos que estavam assentados e assim todo indivíduo estava recebendo a bênção por meio da oração proferida. Isso também era feito com uma taça de vinho.³¹ Conforme Santos, este gesto do pai de abençoar era comum nas refeições de famílias judaicas.³²

Para Albrecht, “a comida em comum para os orientais era garantia de paz, confiança e fraternidade; comunhão de mesa é comunhão de vida”.³³ Daniel-Rops ainda enfatiza que as festas e banquetes eram muito apreciados como sendo uma forma de valorizar os laços familiares e comunitários.³⁴ Outros autores reforçam que o partir do pão enfatizava os laços em comum.³⁵ Algumas festas tinham caráter obrigatório, a exemplo da Páscoa, mas nem todas eram assim.³⁶

Com relação ao pão, Daniel-Rops destaca que este era o alimento fundamental; além disso, quando se fala em “comer pão”, em hebraico pode significar “fazer uma refeição”.³⁷ Packer, Tenney e White também fazem menção a esta questão e lembram

²⁹ DANIEL-ROPS, 1997, p. 131.

³⁰ KLAPPERT, B. Ceia do Senhor. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Edit.). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 317.

³¹ KLAPPERT, 2000, p. 318-319.

³² SANTOS, Roberto dos Reis. *A santa Ceia: um estudo bíblico e histórico da celebração do corpo de Cristo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2005. p. II.

³³ ALBRECHT, Astor. *A controvérsia em torno da ceia do Senhor à luz de Marcos 14.22-25*. São Leopoldo, EST, 2000. p. 22.

³⁴ DANIEL-ROPS, 1997, p. 139.

³⁵ PACKER; et. al., 1984, p. 99.

³⁶ DANIEL-ROPS, 1997, p. 139.

³⁷ DANIEL-ROPS, 1997, p. 132.

que Jesus orou pelo pão, referindo-se a todos os alimentos.³⁸

Santos enfatiza ainda a quantidade de vezes que o termo “pão” aparece no Antigo Testamento. Segundo este autor, são cerca de 200 ocorrências. Além de concordar com a ideia de pão significar alimento, conforme citado acima, também destaca que o pão era absolutamente necessário para a vida do povo hebreu. Não há dúvidas de que este era um dos principais alimentos do mundo antigo. Além de ser amplamente usado como alimento, o pão também era utilizado com fins religiosos em várias ofertas ligadas à gratidão, à comunhão e ainda em outras não relacionadas ao pecado.³⁹

As Escrituras também falam muito sobre a bebida. Havia outras bebidas que não o vinho, mas nenhuma se comparava com ele. Este era produzido na Palestina em grande quantidade e com qualidade. O vinho fazia parte do mundo religioso e também era o símbolo de Israel, sendo que até uma videira dourada podia ser vista no templo.⁴⁰ Assim como o pão, o vinho também fazia parte de momentos religiosos do povo judeu.⁴¹

Após estas explicações sobre as refeições bíblicas, precisamos ainda analisar o conceito, a origem e o contexto da ceia pascal. Vaux afirma que o termo hebraico para Páscoa - *pesah* - vem de uma palavra que tem seu sentido muito discutido, embora tenha relação com uma raiz que significa “coxear, saltar”. Para o autor, a ligação com a ideia de que, quando aconteceu a última praga no Egito, Iavé “saltou” as casas dos hebreus onde era celebrada a Páscoa é algo muito secundário. Vaux apresenta a proximidade com um termo egípcio que significa “golpe” e assim a Páscoa seria o “golpe” da décima praga. A dificuldade desta questão é aceitar o fato de que os israelitas tenham feito uso de um termo egípcio para um costume próprio. Além disso, a Páscoa ainda aparece como um ritual dos pastores, que na primavera sacrificavam um animal novo com a finalidade de conseguir a prosperidade do rebanho; o sangue colocado sobre as armações da tenda deveria afastar “poderes maléficos”. Ainda há outros detalhes da Páscoa que enfatizam esta festa de nômades como comer o animal assado, pão sem fermento e ervas amargas.⁴² Santos faz apontamentos nesta linha da festa estar ligada ao mundo pastoril e ainda afirma que o termo *pesah* faz “alusão à forma como as ovelhas costumam ‘saltar por cima’ dos obstáculos”.⁴³

³⁸ PACKER; et. al., 1984, p. 103.

³⁹ SANTOS, 2005, p. 9-11.

⁴⁰ DANIEL-ROPS, 1997, p. 135-136.

⁴¹ SANTOS, 2005, p. 11.

⁴² VAUX, R. de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Teológica, 2003. p. 525-526.

⁴³ SANTOS, 2005, p. 13.

Para Vaux, a Páscoa do Antigo Testamento apresenta informações de difícil interpretação. Há textos que mostram o ritual no relato da saída (Êx 12), relatos sob a forma de narrativa que justificam a celebração em determinado mês (Nm 9.1-14) e textos que descrevem a celebração de algumas Páscoas (Êx 12; Js 5.10-12; 2Rs 23.21-23; 2Cr 35.1-18; Ed 6.19-22).⁴⁴

A Páscoa era um ritual de destaque entre as celebrações judaicas. Cada elemento utilizado tinha alguma relação com a saída do povo do Egito. Dentre os elementos, podemos destacar:

a) **O cordeiro.** Este deveria ser macho sem defeito e com um ano, conforme o texto de Êxodo 12.5. Para a ceia pascal, o cordeiro deveria ser assado. Na origem desta festa, o sangue do cordeiro foi passado nos umbrais das portas das casas, o que protegeria os judeus das pragas na noite em que aconteceu a primeira páscoa.

b) **Ervas amargas.** Estas consistiam em alface amarga, chicória ou escarola e acompanhariam o cordeiro. O destaque das ervas era a simbologia dos tempos amargos em que o povo esteve cativo no Egito.

c) **Pão não levedado.** Este era mais propício para um povo em fuga, pois não necessitava ser amassado e crescer.

d) **Vinho.** Na ceia, todos tinham um copo de vinho.

Em frente ao anfitrião era colocado um prato com os elementos simbólicos. Estes eram “três obreias de pão *matzo* embrulhadas num guardanapo, as ervas amargas, o *haroset*⁴⁵ ou polpa de fruta, o cordeiro assado, o ovo cozido, os vegetais doces, e um prato de água salgada para lavar as mãos”.⁴⁶

Quanto ao ritual que acompanhava a ceia, chamado de *Seder*,⁴⁷ havia algumas perguntas importantes a serem feitas. O filho mais novo da família questionava sobre o *Seder*, começando com as palavras: “Por que esta noite de Páscoa é diferente de todas as outras noites do ano?” Perguntava também sobre o uso do pão não levedado, das ervas amargas, da imersão dos vegetais e das almofadas na cadeira do anfitrião. A resposta era a recitação da história da passagem de Israel do cativo para a liberdade.⁴⁸

⁴⁴ VAUX, 2003, p. 521.

⁴⁵ Este é o único alimento que necessita um preparo diferenciado - os outros são simples. O mais importante com relação ao *haroset* está ligado à sua textura, que fica próxima à da argamassa. Alguns ingredientes são amassados até atingirem tal consistência (PACKER; et. al., 1984, p. 113).

⁴⁶ PACKER; et. al., 1984, p. 113.

⁴⁷ *Seder* é a refeição com todo seu ritual que relembra a última refeição que o povo fez no Egito, antes de começarem a viagem para a terra prometida. Em hebraico *seder* significa “serviço” (PACKER; et. al., 1984, p. 113).

⁴⁸ PACKER; et. al., 1984, p. 113.

Santos apresenta alguns complementos do ritual da Páscoa. Ele começa enfatizando que o início da cerimônia acontecia com a morte do cordeiro no final do dia. Enquanto este era assado, tomava-se o primeiro cálice e a *haroset*. Cada participante recitava a oração ritual acompanhada de uma oração de agradecimento pelo dia. Quando o cordeiro já estava sobre a mesa, o “chefe da celebração” dava explicações sobre a história da libertação do Egito, conforme o Êxodo, e na sequência era comido um pedaço do cordeiro e cantado um hino de louvor, baseado nos Salmos 112 e 113. Esta segunda parte era então encerrada com a segunda taça de vinho e uma oração feita por quem presidia a mesa.

A terceira parte do ritual consistia em todos lavarem as mãos e, na sequência, quem presidia pegava um pão, partia-o ao meio e comia um pedaço com ervas amargas, entregando o alimento também aos presentes. Assim, era tomada a terceira taça de vinho e cantado um segundo hino de louvor, baseado nos Salmos 125 a 128. Na última parte, era distribuída a quarta taça de vinho e na sequência cantava-se o Grande Hallel, formado pelos Salmos 120 a 138. Tudo deveria terminar antes da meia-noite.⁴⁹ Este era o pano de fundo da ceia na qual Jesus instituiu a Ceia do Senhor.

Depois desta instituição, vemos que esta cerimônia passou a ser praticada nos momentos de culto dos cristãos. Era feita com pão e vinho (ou suco de uva) e tinha o objetivo de trazer à lembrança o sacrifício de Cristo. Esta prática é conhecida como um momento de comunhão.⁵⁰

A descrição do início da igreja cristã, em Atos 2.42-47, revela que esta comunidade seguia a orientação de Cristo. A Ceia do Senhor primeiramente era uma refeição da comunidade; depois, passou a ser uma celebração litúrgica.⁵¹ O texto de 1 Coríntios 11.17-34 descreve a prática da igreja cristã no que diz respeito à ceia. Entretanto, dados precisos sobre a cerimônia não são muitos, pois muitas coisas são incertas. Pode ser até que práticas diferentes existissem em vários locais do mundo cristão da época.⁵²

A celebração da ceia ocorria nos lares e, conforme a tradição judaica, era o dono da casa que dava início ao momento da refeição, após uma oração de louvor. Durante a refeição aconteciam outros momentos de orações, mas era no final que novamente o dono da casa fazia uma oração de gratidão, levantando “um cálice de vinho”. Com o passar do tempo, este momento “em torno do pão e vinho foi separando-se da refeição comunitária (que

⁴⁹ SANTOS, 2005, p. 14-13.

⁵⁰ YOUNGBLOOD, 2004, p. 281.

⁵¹ KIRST, Nelson. Ceia do Senhor. In: BORTOLETO FILHO, Fernando (Org.). **Dicionário brasileiro de teologia**. São Paulo: ASTE, 2008. p. 143.

⁵² CHAMPLIN, 2001, vol. 1, p. 690.

ainda persistiu por algum tempo sob o nome *ágape*) e veio a tornar-se um ato litúrgico autônomo que passou a chamar-se *Eucaristia*.⁵³ Quanto à questão da oração, Coleman lembra que não havia uma prática precisa; isso podia mudar de uma casa para outra. As orações podiam ser feitas pelo pai, ser espontâneas, formais ou memorizadas.⁵⁴

3. ANÁLISE DO TEXTO DA CEIA DO SENHOR

Como visto anteriormente na análise do contexto histórico, a instituição da Ceia do Senhor ocorreu dentro da celebração da Páscoa Judaica. Para Brakemeier, “certo é que a Santa Ceia e a morte de Jesus, à qual está intimamente ligada, devem ser compreendidas no contexto da páscoa judaica. Nisto, apesar das divergências, há unanimidade entre os evangelistas”.⁵⁵ Joel Marcus concorda com isto, afirmando que se trata aqui de uma ceia pascal - *seder* - com os elementos preliminares (ervas amargas, haroset, etc) como com a refeição principal.⁵⁶

No contexto da celebração original (cf. Êx 12), a ceia pascal era comida em pé e com pressa. Na época de Jesus, entretanto, o costume era de reclinar-se durante a refeição festiva, como um sinal de que a libertação da escravidão já acontecera.⁵⁷ Isso pode ser visto no contexto relatado por Marcos, que mostra os participantes reclinados à mesa (v. 17).

Em meio à celebração, segundo a tradição judaica, Jesus quebra o pão e o oferece a sua “família”. Normalmente, pronunciava-se neste momento uma bênção com a seguinte formulação: “Bendito seja o Senhor, Deus nosso, Rei do Universo, que faz brotar o pão da terra”.⁵⁸ Jesus, entretanto, dá um novo significado ao ato e afirma: “Tomai, isto é o meu corpo” (v. 22). “Ele não olha para trás, para o Egito, mas adiante, para a própria morte”.⁵⁹

France afirma que o simbolismo mais óbvio do ato de quebrar o pão é interpretá-lo como o corpo de Jesus diante da realidade da sua morte. Ele mesmo havia predito várias vezes a sua morte aos seus discípulos e, agora, ele está agindo simbolicamente

⁵³ KIRST, 2008, p. 144.

⁵⁴ COLEMAN, 1984, p. 55.

⁵⁵ BRAKEMEIER, Gottfried. A santa ceia no Novo Testamento e na prática atual. In: *Estudos teológicos*, São Leopoldo, vol. 26, 1986, p. 254.

⁵⁶ MARCUS, Joel. *Mark 1 - 8: a new translation with introduction and commentary*. New Haven and London: Yale University Press, 2000. p. 956.

⁵⁷ MULHOLLAND, [199-], p. 210.

⁵⁸ LENTZEN-DEIS, Fritzleo. *Comentario al evangelio de Marcos: modelo de nueva evangelización*. Estella: Verbo Divino, 1998. p. 415.

⁵⁹ MULHOLLAND, [199-], p. 211.

para deixar clara esta ideia para eles.⁶⁰

O próprio Jesus afirma que o pão representa o seu corpo. Na antropologia da época, a palavra grega *σώμα* significava a pessoa enquanto “identidade, presença e atividade”. Para Mateos e Camacho, o convite de Jesus para tomar o pão/corpo significa um convite para “assemelhar-se a ele, a aceitar sua pessoa e atividade histórica como norma de vida”.⁶¹

Jesus não estava falando do seu corpo físico ao usar a expressão “meu corpo”. No estilo semítico a ideia clara é de “sua pessoa”, de “si mesmo”. É como se dissesse: “isto sou eu mesmo”. Entretanto, Jesus não tinha se transformado naquele pão e nem o pão nele, já que ele continuava pessoalmente presente entre seus discípulos. Esta linguagem figurada era muito comum entre os orientais.⁶² Quando Jesus afirma, por exemplo, “eu sou a porta” (Jo 10.7), nenhum ouvinte imaginaria que ele estava transformando sua substância em algo material, mas que a linguagem era puramente figurada.

Evans afirma que qualquer simbolismo que envolvesse a ideia de canibalismo seria totalmente inaceitável no contexto judaico. Para este autor, a ênfase da afirmação de Jesus se encontra no fato de que este pão/corpo foi/será “quebrado”, indicando a morte violenta que aguardava Jesus.⁶³

Depois de oferecer o pão, Jesus tomou o cálice, deu graças e o ofereceu também aos seus discípulos. Chama a atenção de que aqui Marcos use o termo cálice, e não o vinho propriamente dito. Para Pohl, “isto talvez só espelhe que o pão era passado sem recipiente, o que não é possível com o vinho. Portanto, não se pode concluir nada do fato de beber do cálice em vez do vinho”.⁶⁴

Anderson levanta aqui a questão de que chama a atenção o fato do uso de um cálice comum, o que era contrário à prática da ceia pascal.⁶⁵ Nesta celebração cada um tinha o seu próprio copo. Schniewind também considera o fato estranho e afirma que,

⁶⁰ FRANCE, 2002, p. 568.

⁶¹ MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. *Marcos: texto e comentário*. São Paulo: Paulus, 1998. p. 332. Anderson concorda que o termo grego significa não apenas corpo, mas “pessoa”, “todo meu ser”. Afirma ainda que *σώμα* relaciona-se ao termo aramaico *guphi* (“meu ser”) e não a *bisri* (“minha carne”) (ANDERSON, Hugh. *The gospel of Mark*. Grand Rapids: Eerdmans; London: Marshall, Morgan & Scoth, 1994. p. 313).

⁶² POHL, 1998, p. 401. Collins afirma que na época nenhuma noção de “transubstanciação” ou “presença real” faria sentido para os ouvintes (COLLINS, Adela Yarbro. *Mark: a critical and historical commentary on the Bible*. Minneapolis: Fortress, 2007. p. 655).

⁶³ EVANS, 2000, p. 389-391.

⁶⁴ POHL, 1998, p. 403.

⁶⁵ ANDERSON, 1994, p. 313.

no máximo, uma família beberia de um mesmo cálice. Para este autor, este aspecto é simbolicamente importante: “a unidade do cálice foi significativa desde o início para a celebração cristã da ceia do Senhor”.⁶⁶

Ao dar graças sobre o cálice, Jesus o entrega a todos e afirma: “Isto é o meu sangue da aliança que é derramado por muitos” (v. 24). Aqui precisamos enfatizar a natureza simbólica da afirmação de Jesus. Este “é” não significa que o vinho tinto seja transformado agora no sangue de Cristo, misteriosa mas essencialmente. Se isto tivesse acontecido, os discípulos teriam rejeitado o cálice imediatamente. No contexto judaico, beber sangue era algo abominável.⁶⁷ Schweizer ainda observa um fato interessante nesta situação: se na declaração de Jesus (“isto é o meu sangue...”) tivesse acontecido alguma transformação real no cálice/vinho, isso não faria nenhuma diferença, pois no momento da declaração de Jesus os discípulos já haviam tomado do cálice.⁶⁸ O verso 23 afirma que Jesus tomou o cálice, deu graças, ofereceu aos discípulos e todos tomaram. Somente no verso seguinte há a declaração de Jesus sobre o sangue.

Para Schniewind, o sangue é um termo específico da linguagem sacrificial. Também a expressão “ser derramado” (ἐκχυνόμενον) é igualmente linguagem sacrificial. “Sacrifício significa que uma vida é entregue à morte por vida condenada à morte”.⁶⁹

Joel Marcus traça um paralelo entre as palavras e ações de Jesus nestes versos do evangelho:⁷⁰

Pão	Vinho
E enquanto estavam comendo	E
tomando um pão	tomando um cálice
tendo abençoado	tendo dado graças
partiu	-
deu para eles	deu para eles
-	beberam todos
e disse	e disse
“Isto é o meu corpo”	“Isto é o meu sangue”

⁶⁶ SCHNIEWIND, Julius. *O evangelho segundo Marcos*. Tradução de Ilson Kayser. São Bento do Sul: União Cristã, 1989, p. 207-208.

⁶⁷ POHL, 1998, p. 402.

⁶⁸ SCHWEIZER, Eduard. *The Good news according to Mark*. Atlanta: John Knox Press, c1970, p. 304.

⁶⁹ SCHNIEWIND, 1989, p. 208.

⁷⁰ MARCUS, 2009, p. 966.

As perguntas decorrentes desta comparação são: O que Jesus quis ensinar com esta dupla ação? Este episódio pode ser considerado uma ação parabólica? E, se for, qual o seu significado?

4. SÍNTESE DO TEXTO DA CEIA DO SENHOR

Durante o ministério de Jesus muitas interpretações errôneas sobre a Sua vida e missão surgiram. Gallardo exemplifica:

Em torno de Jesus se havia tecido uma teia de interpretações erradas. Ele havia falado de Deus como Pai e o acusavam de blasfêmia; olhava pela vida dos pobres e diziam ser ele endemoninhado; compartilhava seu pão e o queriam tornar rei; curava e o olhavam como impuro e o tachavam de louco; anunciava o Reino e o aclamavam Messias que encabeçaria a revolta contra Roma.⁷¹

Alguma coisa precisava ser feita para corrigir estes equívocos. Como havia se tornado especialista em aproveitar as oportunidades, Jesus usou o momento da ceia, um dos últimos que teve junto aos seus discípulos, para tentar esclarecê-los sobre o que estava por acontecer naquelas próximas horas.

Mulholland chamou o que aconteceu nesta ceia de Páscoa de “parábola dramatizada”.⁷² Para Pohl, o episódio é uma “ação simbólica”.⁷³ Gallardo a denomina como uma “dupla ação profética do tipo simbólico”.⁷⁴ Gould também fala do “uso simbólico” deste fato.⁷⁵ Além da opinião destes autores, podemos ainda identificar os seguintes elementos característicos de uma ação simbólica:⁷⁶

a) **Estilo:** esta ação parabólica também apresenta uma mescla de *narrativa* e *diálogo*. Há um relato inicial, apresentando a situação, e uma interação entre os personagens apresentados. A narrativa encontra-se nos versos 22a, 23, 24a e 26. O diálogo encontra-se nos versos 22b, 24b e 25.

b) **Pessoa gramatical:** a partir desta divisão em narrativa e diálogo, percebemos que na ação parabólica a terceira pessoa é predominante na narrativa, e a interação entre primeira e segunda pessoa é apresentada no diálogo. Embora isto seja um tanto

⁷¹ GALLARDO, Carlos Bravo. *Galileia ano 30: para ler o evangelho de Marcos*. Tradução de Roberto Tápia Vidal. São Paulo: Paulinas, 1996. p. 157.

⁷² MULHOLLAND, [199-], p. 212.

⁷³ POHL, 1998, p. 402.

⁷⁴ GALLARDO, 1996, p. 157.

⁷⁵ GOULD, Ezra P. *A critical and exegetical commentary on the gospel according to St. Mark*. Edinburg: T. & T. Clark, 1969. p. 265.

⁷⁶ KUNZ, Claiton André. *Ações parabólicas: uma análise do ensino de Jesus através de suas ações*. São Leopoldo: EST; Sinodal, 2007. p. 35-41.

óbvio, é um aspecto característico da ação parabólica. Na parte narrativa da perícopé, em apenas 4 versículos aparece 5 vezes o pronome pessoal de terceira pessoa *αὐτός* e 9 vezes os verbos estão em terceira pessoa. Já no diálogo, os pronomes de primeira e segunda pessoa aparecem 2 vezes, e 4 vezes os verbos estão em primeira e segunda pessoa.

c) **Tempo verbal:** na parte narrativa da ação parabólica, como se devia esperar, aparecem tempos no passado; mas chama a atenção a quantidade de verbos no tempo *aoristo*: dos 13 verbos narrativos da perícopé, 12 estão no tempo verbal *aoristo*. Na parte dos diálogos o tempo presente é predominante: 5 dos 7 verbos nesta parte estão no presente.

d) **Tipos de frase:** são características das ações parabólicas as **perguntas retóricas** e/ou as **sentenças declarativas**. Nesta perícopé aparecem pelo menos duas sentenças declarativas: “isto é o meu corpo” (v. 22) e “isto é o meu sangue da aliança” (v. 24). A declaração “nunca jamais beberei do fruto da videira até aquele dia quando eu beberei o mesmo, novo, no Reino de Deus” (v. 25) também pode ser classificada como tal.

e) **Semântica:** a semântica é relativa a cada relato de ação parabólica, mas podemos perceber a presença de verbos que denotam movimento, especialmente na parte narrativa, como por exemplo *ἐξέρχομαι*, *πίνω*, *λαμβάνω*, *ἐκχέω*. A conjunção *καί* também é muito frequente na parte narrativa das ações parabólicas. Enquanto no diálogo ela está ausente, na parte narrativa ela aparece 7 vezes, auxiliando na estrutura interna da narrativa da ação e dando a ideia de movimento.

f) **Metaníveis:** as ações parabólicas têm uma dupla ou tripla função.⁷⁷ É este o ponto central da questão em estudo, ou seja, descobrir o significado especial do texto. Quanto a este episódio, podemos questionar: Qual o significado desta ação? O que Jesus quis ensinar com ela?

As sentenças declarativas de Jesus (“isto é o meu corpo” e “isto é o meu sangue”) direcionam para o centro da perícopé: o estabelecimento de uma nova aliança. Conforme o quiasmo apresentado acima (item 1.2), o relato converge para este centro:

A – Enquanto comiam... (v. 22a)

B – Jesus ofereceu o pão e o cálice e todos participaram (v. 22b-23)

C – Uma nova aliança foi estabelecida (v. 24)

B’ – Jesus prometeu um vinho novo do qual todos participarão (v. 25)

A’ – Cantaram um hino e saíram... (v. 26)

⁷⁷ STÄHLIN, G. Die Gleichnishandlungen Jesu. In: *KOSMOS und ekklesia: Festschrift fuer Wilhelm Staehlin zu seinem siebzigsten Geburtstag*. 24/09/1953. Tradução de Heinz Dietrich Wendland. Kassel: Johannes Stauda Verlag, 1953.

O que é uma aliança? Mazzarolo informa que nos códigos legais antigos existiam dois tipos diferentes de contrato (testamento ou aliança). Um contrato podia ser:⁷⁸

a. Unilateral: partiria de uma proposta de alguém superior, um senhor ou um nobre, feita a um vassalo ou empregado. A unilateralidade significava que o maior impõe as condições e o menor ficava com a parte das obrigações.

b. Bilateral: para muitos, seria a única forma de uma aliança ser válida. Na bilateralidade as condições são iguais para ambos os lados. Pressupõe parceiros com condições iguais para assumir compromissos, e as mesmas condições de conhecimento, consciência, liberdade e responsabilidade.

Na sequência, o autor afirma que uma “compreensão maior permitirá atribuir o verdadeiro sentido a esta Ceia (do Senhor), não como um jantar memorativo, mas como um jantar protocolar, onde foi celebrado e selado um pacto entre os dois parceiros: Jesus de um lado e os discípulos de outro”.⁷⁹ Parece estar claro que a ocasião significou este protocolo de uma aliança que estava sendo firmada, como o próprio Jesus afirma (v. 24). Mas Schniewind é da opinião de que, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, “o termo aliança nunca tem o sentido de que dois parceiros de direitos iguais façam uma aliança, mas que Deus estabelece uma ordem que vigora entre ele e os homens”.⁸⁰

Uma aliança de Deus com pessoas sempre é baseada na sua **misericórdia**, pois os seres humanos só podem ter comunhão com Deus quando Ele o deseja. Deus deseja isto, e o faz “às suas custas e expensas”.⁸¹ Israel muitas vezes não creu em Deus. Queria ter o seu próprio poder e a sua própria justiça (Rm 10.3). De certa forma, cancelaram a aliança que havia sido feita. Mas Deus não responde com o cancelamento da sua parte da aliança. Pelo contrário, já nos textos do profeta Jeremias aparece a promessa de uma “nova aliança” (31.33-34). A ideia de uma “nova” aliança não significa que Deus iria começar novamente a antiga aliança, mas que Deus teria uma iniciativa criativa incomparavelmente diferente que transformaria Israel totalmente.⁸²

Gundry observa que no texto de Marcos não consta a expressão “nova” (conforme visto na crítica textual - item 1.3) que aparece em Lucas (22.20) e no relato de Paulo

⁷⁸ MAZZAROLO, Isidoro. A ceia de Jesus com os discípulos. Cadernos da ESTEF, Porto Alegre, Vol./n. 20, 1998, p. 57.

⁷⁹ MAZZAROLO, 1998, p. 58.

⁸⁰ SCHNIEWIND, 1989, p. 208.

⁸¹ POHL, 1998, p. 403.

⁸² POHL, 1998, p. 403. Evans afirma que além de aludir ao texto de Jeremias 31, a expressão de Jesus também se relaciona com o texto de Êxodo 24.8, quando Moisés aspergiu sangue sobre o povo e declarou que aquele era o sangue da aliança que o Senhor estava fazendo com eles (EVANS, 2000, p. 392).

(1Co 11.25). Este autor argumenta que Marcos não quer enfatizar tanto a “nova aliança”, mas sim o “sangue” de Jesus que foi o preço desta nova aliança.⁸³

Jesus sabe, entretanto, que este sangue que derramaria pouco tempo depois de firmar esta aliança, por meio de Sua morte, não significaria o fim. A sua ausência seria apenas “até aquele dia” (v. 25), expressão que assegura a sua vitória triunfante.⁸⁴ Chama a atenção a firmeza com que Jesus prediz a sua morte. Essa participação de falecimento, porém, não tem tons de luto, mas antes uma palavra de triunfo sobre a esperança futura. Assim, o “cálice da morte” (v. 24) é contrastado claramente com o “cálice da glória futura” (v. 25).⁸⁵

Beber o novo vinho no Reino de Deus é um símbolo da união gloriosa e das celebrações sem fim que aguardam os filhos de Deus, em companhia do seu redentor.⁸⁶ O final do relato informa que antes de saírem para o Monte das Oliveiras ainda cantaram um hino. A maioria dos comentaristas associa este hino ao *Hallel* (Sl 113-118), no qual são entoadas orações de gratidão, às quais os participantes respondem com um “aleluia” a cada verso (num total de 123 vezes).⁸⁷ Parece que o ambiente não é de funeral (que se aproximava), mas do início do reinado de Deus (que ultrapassava aquele momento).

REFERÊNCIAS

ALAND, K. et. al. (Ed.). **The greek New Testament**. 4. ed. Stuttgart: United Bible Societies, 1994.

ALBRECHT, Astor. **A controvérsia em torno da ceia do Senhor à luz de Marcos 14.22-25**. São Leopoldo: EST, 2000.

ÁLVAREZ, Eliseo Pérez. **Marcos**. Minneapolis: Augsburg Fortress, 2007. 154 p.

ANDERSON, Hugh. **The gospel of Mark**. Grand Rapids: Eerdmans; London: Marshall, Morgan & Scoth, 1994. 366 p. (Série: The new century bible commentary).

⁸³ GUNDRY, Robert H. **Mark: a commentary on his apology for the cross**. Grand Rapids: Eerdmans, 1992. p. 832.

⁸⁴ MULHOLLAND, [199-], p. 212.

⁸⁵ FRANCE, 2002, p. 572.

⁸⁶ HENDRIKSEN, 1976, p. 576.

⁸⁷ POHL, 1998, p. 404.

BORTOLINI, José. **O evangelho de Marcos: para uma catequese com adultos**. São Paulo: Paulus, 2003. 278 p. (Série: Bíblia e cotidiano).

BRAKEMEIER, Gottfried. A santa ceia no Novo Testamento e na prática atual. In: **Estudos teológicos**, São Leopoldo, vol. 26, 1986, p. 247-275.

BULTMANN, Rudolf. **The history of the synoptic tradition**. New York: Harper and Row, 1963.

CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**. 5. ed. São Paulo: Hagnos, 2001. 6 volumes.

COLEMAN, William L. **Manual dos tempos e costumes bíblicos**. Tradução de Myriam Talitha Lins. Venda Nova: Betânia, 1991. 360 p.

COLLINS, Adela Yarbro. **Mark: a critical and historical commentary on the Bible**. Minneapolis: Fortress, 2007. 894 p.

DANIEL-ROPS, Henry. **A vida diária nos tempos de Jesus**. Tradução de Neyd Siqueira. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1997. 322 p.

EVANS, Craig A. **Mark 8:27 - 16:20**. Nashville: Thomas Nelson, 2000. 594 p. (World biblical commentary)

FRANCE, R. T. **The gospel of Mark: a commentary on the greek text**. Grand Rapids: Eerdmans, 2002. p. 159.

GALLARDO, Carlos Bravo. **Galileia ano 30: para ler o evangelho de Marcos**. Tradução de Roberto Tápia Vidal. São Paulo: Paulinas, 1996.

GOULD, Ezra P. **A critical and exegetical commentary on the gospel according to St. Mark**. Edinburg: T. & T. Clark, 1969. 317 p.

GUNDRY, Robert H. **Mark: a commentary on his apology for the cross**. Grand Rapids: Eerdmans, 1992. 1069 p.

HENDRIKSEN, William. **New Testament commentary: the gospel of Mark**. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1976. 700 p.

IERSEL, B. van. Die wunderbare Speisung und das Abendmahl in der synoptischen tradition. In: **Novum Testamentum: an international quarterly for New Testament and related studies**, Leiden, vol. 7, n. 3, 1964, p. 167-194.

JEREMIAS, Joachim. **Die Abendmahlsworte Jesu**. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1967.

KIRST, Nelson. Ceia do Senhor. In: BORTOLETO FILHO, Fernando (Org.). **Dicionário brasileiro de teologia**. São Paulo: ASTE, 2008.

KLAPPERT, B. Ceia do Senhor. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Edit.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000.

KÜMELL, W. G. **Síntese teológica do Novo Testamento de acordo com as testemunhas principais: Jesus, Paulo e João**. 4. ed. Tradução de Sívlio Schneider e Werner Fuchs. São Paulo: Teológica, 2003.

KUNZ, Claiton André. **Ações parabólicas: uma análise do ensino de Jesus através de suas ações**. São Leopoldo: EST; Sinodal, 2007. 83 p.

LENTZEN-DEIS, Fritzleo. **Comentario al evangelio de Marcos: modelo de nueva evangelización**. Estella: Verbo Divino, 1998.

MARCUS, Joel. **Mark 1 - 8: a new translation with introduction and commentary**. New Haven and London: Yale University Press, 2000.

MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. **Marcos: texto e comentário**. São Paulo: Paulus, 1998. 390 p. (Série: Comentários Bíblicos).

MAZZAROLO, Isidoro. A ceia de Jesus com os discípulos. **Cadernos da ESTEF**, Porto Alegre, Vol./n. 20, 1998, p. 57-65.

MULHOLLAND, Dewey M. **Marcos: introdução e comentário**. Tradução de Maria Judith Prado Menga. São Paulo: Vida Nova, [199-]. 240 p.

PACKER, James I.; TENNEY, Merrill C.; WHITE, William. **Vida cotidiana nos tempos bíblicos**. Tradução de Luiz Aparecido Caruso. Miami: Vida, 1984.

PÉRTILE, Nédio. A última ceia de Jesus: apontamentos de ordem antropológica. *Cadernos da ESTEF*, Porto Alegre, Vol./n. 20, 1998, p. 66-76.

PESH, Rudolf. **Das Abendmahl und Jesu Todesverständnis**. Basel: Herder, 1978.

POHL, Adolf. **Evangelho de Marcos**. Tradução de Hans Udo Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998. 467 p. (Comentário Esperança).

SANTOS, Roberto dos Reis. **A santa ceia: um estudo bíblico e histórico da celebração do corpo de Cristo**. Rio de Janeiro: CPAD, 2005. 87 p.

SCHNIEWIND, Julius. **O evangelho segundo Marcos**. Tradução de Ilson Kayser. São Bento do Sul: União Cristã, 1989. 247 p.

SCHWEIZER, Eduard. **The Good news according to Mark**. Atlanta: John Knox Press, c1970. 395 p.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2000. 515 p.

STÄHLIN, G. Die Gleichnishaendlungen Jesu. In: **KOSMOS und Ekklesia: Festschrift fuer Wilhelm Staehlin zu seinem siebzigsten Geburtstag**. 24/09/1953. Tradução de Heinz Dietrich Wendland. Kassel: Johannes Stauda Verlag, 1953. 277 p.

VAUX, R. de. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Teológica, 2003. 624 p.

WALLACE, R. S. Ceia do Senhor. In: ELWELL, Walter A. (Edit). **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida

Nova, 1990. Vol. 1, p. 262-4.

YOUNGBLOOD, Ronald F. (Edit.). **Dicionário ilustrado da Bíblia**. Tradução de Lucília Marques Pereira da Silva, Sônia Freire Lula Almeida, Bruno G. Destefani, Hander Heim, Marisa de Siqueira Lopes e Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2004.